

SantaFunk: A Profissionalização da Cultura de Periferia¹

Ana Carolina VAZ²

Gabriel Neves da SILVA³

Maria José BALDESSAR⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar um videodocumentário de cunho jovem e experimental produzido por alunos da graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina. O assunto escolhido para pautar a produção audiovisual foi o ritmo do funk⁵ e seus adjacentes que, ao longo da narrativa, são retratados por pessoas que já atuam e, portanto, vivenciam o meio no cenário catarinense. O trabalho ainda discute o gênero do funk como atividade profissional, buscando abordar aspectos como a forma de inserção, consolidação e crescimento no mercado musical, uma vez que o funk – ora é situado como elemento cultural de camadas urbanas periféricas e ora como elemento de entretenimento massivo – ainda carrega estereótipos que precisam ser desconstruídos.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; Videodocumentário; Experimentação; Cultura; Funk.

1 INTRODUÇÃO

O videodocumentário SantaFunk é o produto final da disciplina de Jornalismo Online (JOR 5505) do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O material foi pautado e produzido por dois estudantes da quinta fase de Jornalismo sob orientação da professora Maria José Baldessar, com a proposta de experimentar a produção audiovisual empregando recursos e características que fogem, ou melhor, vão além dos chamados “manuais de como fazer”, ensinados ao longo dos quatro anos da graduação.

Ainda que se tratando de uma disciplina que tem como alvo a produção jornalística para o meio web, não se pode esquecer que, cada vez mais linguagens e formas narrativas

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: anacvazz@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: gabrielneves_jor@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFSC, email: mbaldessar@gmail.com.

⁵ Gênero musical de origem nos Estados Unidos.

são influenciadas pela convergência digital e pelos processos facilitadores trazidos pela internet. Sendo assim, o trabalho foi idealizado na perspectiva do Jornalismo aliado à linguagem documental criada para o cinema e para a televisão, já que as linguagens telejornalísticas e cinematográficas tendem-se a convergir.

Os alunos apresentaram o produto como sendo um (web)documentário, visto que a proposta inicial da disciplina era a de se pensar um material audiovisual o qual pudesse ser readaptado a uma (futura) produção webdocumentarista, já que nela “as narrativas são modificadas pelas novas tecnologias e, como ambientes de experimentação, permitem o surgimento de maneiras inovadoras de se contar histórias” (MURRAY, 2003). Entretanto não se anulam as possibilidades de enquadrá-lo em outros formatos uma vez que sua proposta maior consista em: uma produção audiovisual.

2 OBJETIVO

Elaborar um videodocumentário de cunho jovem e experimental buscando novas possibilidades para retratar a pauta, sem contudo perder o viés informativo adotado pelas produções jornalísticas. Além de colocar em prática os ensinamentos adquiridos em sala de aula, buscou-se um trabalho diferenciado que fosse além dos chamados “manuais de como fazer”, para o aprimoramento dos alunos envolvidos na produção.

A ideia do ritmo do funk como pauta, esta podendo ser livre, foi pensada com a finalidade de potencializar a tentativa dos alunos de construir uma narrativa jovem sobre um tema também jovem. Além disso, a escolha da pauta se deu por sua possível contribuição em desconstruir estereótipos que ainda recaem sobre o tema, uma vez que a mídia exerce forte influência na sociedade como formadora de opinião.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica, principalmente, por sua essência experimental, visto que ao longo de toda a graduação os estudantes são desafiados a produzir materiais jornalísticos que visem à diferenciação e inovação. Assim, o videodocumentário serviu como espaço de

criação para que fossem colocadas em prática as habilidades técnicas e criativas de produção dos alunos.

Além disso, como já se disse, a mídia tem papel fundamental na formação da opinião do público acerca de conceitos que fogem a universos dos quais fazemos parte, e é “através dela, de modo geral, que se adquire visibilidade e que se constroem os sentidos de grande parte das práticas culturais” (HERSCHMANN, 2000). Desse modo, uma das justificativas desse trabalho pode ser encaminhada ainda sob o aspecto de ser uma tentativa de se desconstruir estereótipos que ainda recaem sobre o gênero musical do funk e seus adjacentes. A ação pode ser constatada no videodocumentário já que o mesmo não se propõe a relacionar a questão (comum) da violência ao gênero musical, como faz grande parte dos produtos veiculados pela mídia sobre o mesmo tema. Nesse contexto, Herschmann (2000) questiona “a lógica controversa que rege o movimento de aparição do funk na mídia, pois a mesma mídia que demoniza é a aquela que abre espaços nos jornais e programas de televisão”. Assim, o trabalho também se justifica pelo tema escolhido, simples e complexo ao mesmo tempo, desafiador pelo seu contexto bem como suas possibilidades de erros e acertos na condução do material.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia do trabalho se deu, inicialmente, por meio de pesquisa bibliográfica com base na leitura de artigos, críticas musicais, reportagens e pesquisas online sobre o tema, para que se construísse um estudo prévio sobre o cenário do funk na cidade de Florianópolis (Santa Catarina) e região.

Na produção final - o videodocumentário, empregou-se conceitos comuns à produção de qualquer material jornalístico, tais como os explicados por BISTANE e BACELLAR (2005), BITTENCOURT (1993) e CRUZ NETO (2008): pauta (ideia), apuração, produção, angulação e execução. Propôs-se ainda uma abordagem que remetesse à linguagem e narrativa mais visuais e autoexplicativas. Dessa forma, a preocupação recaiu sobre o processo de edição do material, o qual deveria cumprir a função de retratar, informar e contar história por meio de um produto audiovisual, de maneira que

correspondesse à realidade e não contribuísse para a estigmatização do tema. Para isso, desde a fase de captação das imagens no baile funk, até a etapa de edição no *software*, optou-se por não tornar evidente o rosto da maioria das pessoas, visto que grande parte do público presente era menor de idade. Além disso, foi pensado também em não explorar de forma exagerada e desnecessária as imagens do corpo da mulher, mesmo sendo uma ação recorrente nos diversos produtos veiculados pela mídia convencional a fim de “obter audiência”.

Sobre o processo de edição, ainda que com enfoque para a produção televisiva, Partenostro (2006) enfatiza que:

Editar é dar sentido ao material bruto. É montar a matéria: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, com começo, meio e fim. Editar requer sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade e paciência (PATERNOSTRO, 2006, p.45).

Ao todo, foram entrevistadas seis pessoas, sendo três os escolhidos para protagonizar a história. Para todos, optou-se em utilizar o modelo de entrevista semiaberto, no qual não há um questionário fechado a ser seguido. Com base neste modelo, foi elaborado um questionário de perguntas prévias, mas que possibilitou o surgimento de novas perguntas ao longo das entrevistas. As sonoras feitas durante o baile – com o organizador, o auxiliar geral e o chefe de segurança – foram previstas em pauta, mas não previamente agendadas, já que em um primeiro contato via telefone com as fontes (número este encontrado através de redes sociais), a entrada dos alunos portando equipamento não foi autorizada, diferente das entrevistas com os MC’s⁶ as quais também foram previstas, porém tiveram agendamento prévio.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O videodocumentário SantaFunk tem duração de 8 minutos e 37 segundos (incluindo os créditos finais) e conta com seis personagens entrevistados, dentre eles três jovens MC’s de Florianópolis e região, um organizador, um auxiliar geral e um chefe de

⁶ Prefixo que antecede o nome profissional dos cantores de funk. O termo é utilizado para designar cantores e/ou compositores do gênero.

segurança de baile funk. O trabalho foi apresentado como produto final na disciplina de Jornalismo Online no primeiro semestre de 2015 e, posteriormente, disponibilizado em canal no *YouTube*, alcançando o número de 1.000 visualizações em cerca de duas semanas.

Optou-se em estruturar o videodocumentário a partir de duas narrativas que, ao decorrer da história, se intercalam, se contextualizam e se complementam. Uma se constitui pelo baile funk. Os alunos envolvidos participaram de um baile que aconteceu no dia 11 de julho de 2015, na cidade de São José, na marginal da rodovia BR 101. A captação do material foi feita desde uma hora antes do início do baile até o desfecho da festa, das onze da noite às cinco e meia da manhã. No videodocumentário, as partes que tratam dessa narrativa, em sua maioria, são mostradas por meio de *takes* curtos, quase que em flashes para dar mais agilidade à narrativa e, conseqüentemente, causar um maior envolvimento entre a história e o espectador. Para isso, ainda que não em toda sua essência, buscou-se empregar a técnica do *stop motion* (do inglês, movimento parado) utilizando a disposição sequencial de frames diferentes de um mesmo ‘objeto’ a fim de simular seu movimento. A utilização da foto estática aparece somada a recursos ora de animação (efeitos de edição), ora de sonorização (trilha, áudio ambiente ou do canal de microfone) e ora mesclada a trechos em vídeo.

A outra narrativa é constituída pelos três personagens principais, os três MC’s. Tais partes, em sua maioria, são contadas através de trechos das entrevistas em vídeo, com alternância de enquadramentos em primeiro plano, médio e plano detalhe (às vezes com quebra proposital do eixo) e, em partes, cobertas com frames (estáticos). O registro desse material foi feito ao longo de três dias consecutivos, sendo gravada uma entrevista por dia.

Todas as cenas do baile foram captadas em período noturno, o que se fez necessário utilizar lentes com grande abertura do diafragma, a fim de preservar a qualidade das imagens – exceto as imagens feitas pelo celular. Além disso, outro recurso utilizado foi o de aproveitar as próprias ações contidas nas cenas para fins de efeito natural de transição. Além de evitar utilizar os efeitos artificiais obtidos no *software* de edição, potencializa as imagens registradas pelos alunos e suaviza os cortes obrigatórios.

Sendo um tema por si só bastante dinâmico, optou-se por “brincar” bastante na edição a fim de mesclar e ensaiar quase que uma relação de intimidade entre trilhas, frames e cortes, sempre com o intuito de envolver e seduzir o espectador.

Os equipamentos utilizados para a produção do videodocumentário foram: 3 câmeras Nikon sendo elas: D7000, D5000 e D800, 1 câmera *GoPro*, 1 microfone lapela sem fio, 1 *sun gun* de iluminação e 1 *Iphone 5S* – sendo todos pertencentes do Departamento de Jornalismo, com exceção do celular. O processo de edição foi realizado em três dias consecutivos, sendo o *Adobe Premiere Pro 2015* o *software* utilizado para a edição de conteúdo e vídeo.

6 CONSIDERAÇÕES

Como já se disse, os alunos de Jornalismo são constantemente desafiados (ou pressionados) ao longo da graduação a produzirem produtos jornalísticos diferenciados daqueles já veiculados pela mídia tradicional, com vistas sempre à inovação. No entanto, não se pode esquecer que uma proposta de inovação nem sempre é algo que nunca foi visto ou tentado, mas poder propor exatamente de se fazer algo novo sobre uma proposta ou tema recorrente. Desse modo, a proposta livre para o trabalho final da disciplina de Jornalismo Online serviu como um importante espaço de extensão do aprendizado adquirido em sala de aula, onde os alunos puderam ir muito além dos “manuais de como fazer”, testando recursos e técnicas ainda pouco utilizados no jornalismo bem como no próprio telejornalismo contemporâneo.

Pensar em produzir um videodocumentário de cunho jovem e experimental é por si só uma proposta bastante desafiadora para os alunos que convivem e frequentemente buscam referências nos produtos veiculados diariamente pela mídia clássica que pouco “inova”.

Sendo assim, o trabalho proporcionou aos estudantes uma experiência de liberdade de criação extremamente relevante para o aprimoramento dos alunos envolvidos na produção, visto que testar diferentes possibilidades e desapegar do modelo padrão (se é que ele existe e mesmo que isso não seja de fato o tal do “inovar”) instiga os alunos a um

trabalho diferente, torna mais prazerosa a produção e ainda serve de alternativa para potencializar cada vez mais **o fazer televisão e o fazer jornalismo**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDESSAR, Maria José; ANTUNES, Thomas Michel; ROSA, Gabriel. *Hipertextualidade, multimídia e interatividade: três características que distinguem o Jornalismo Online*. In **III Simpósio Nacional ABCiber**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.abciber.com.br/simpósio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/5_jornalismo/eix_o5_art22.pdf>. Acesso em: 11/07/2015.

BARBALHO, Marcelo. *Foto + vídeo + jornalismo: uma nova forma de testemunhar o mundo*. **VIII POSCOM**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Marcelo-Barbalho.-GT-Imagens-e-Representacao-no-Audiovisual.pdf>>. Acesso em: 11/07/2015.

BAUER, Marcelo. *Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental*. In **Avança Cinema 2011**. Porto (Portugal): 2011.

BISTANE, Luciana; Luciane BACELLAR. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BITTENCOURT, Luis Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**. São Paulo: Campus, 2008.

CAVALCANTI, Alberto. **Filme e realidade**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

CRUZ NETO, João Elias. **Reportagem de Televisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

EMERIM, Cárilda e CAVENAGHI, Beatriz. *Contribuições da linguagem dos webdocumentários para o webjornalismo audiovisual*. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Chapecó, 2012.

FREIRE, Eduardo; BARBALHO, Marcelo. *Percursos narrativos da fotografia no webdocumentário hipermidiático*. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza, 2012.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. RJ: Jorge Zahar, 2004.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Tradução: Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SILVA, Gilvan Ventura da. **Representação social, identidade e estigmatização**: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SILVA, Gilvan Ventura da; LARANJA, Anselmo Laghi. (Org.). Exclusão social, violência e identidade. 1 ed. Vitória: Flor&Cultura, 2004, v. 1, p. 13-29.

VIANNA, Hermano. **O funk como símbolo da violência carioca**. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) Cidadania e violência. 2º ed. Rio de Janeiro: EDUFRJ e FGV, 2000. p. 179-188.